



realização

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Prefeito Cesar Maia

COMISSÃO PARA AS COMEMORAÇÕES
DA CHEGADA DE D. JOÃO E DA FAMÍLIA
REAL AO RIO DE JANEIRO

Alberto da Costa e Silva
Coordenador Geral

Ricardo Macieira
Secretário Municipal das Culturas

André Zambelli
Secretário Extraordinário do Patrimônio Cultural

Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Ágata Messina Pio Borges
Secretária Especial de Comunicação Social

Paulo Bastos Cezar
Subsecretário Especial de Turismo

Lília Moritz Schwarcz e Lúcia Garcia
Consultoras

apoio institucional

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Governador Sérgio Cabral Filho

Adriana Scorzelli Rattes
Secretária de Estado de Cultura

FUNDAÇÃO CASA FRANÇA-BRASIL
Presidente interina e Diretora de administração e
Finanças: **Marisa Labanca Sampaio**

Diretora de projetos/museóloga: **Marta Gerude**
Auditora interna: **Nízia C. Dias**

Assistentes de projetos: **Bruno C. Valentim da
Cunha e Tânia Maria Farias de Santana**

Produtora: **Fátima Santiago**

Equipe administrativa: **Fabiana Santos Oliveira,
Fernando Maurício de Carvalho Seabra, Hamilton
Ferreira, Gracielle Pereira Carneiro, Jorge da
Costa Cabral, Jurema Vianna da Silva,
Sandra Helena da Silva**



mulheres reais - modas e modos no rio de dom joão VI



A exposição “Mulheres Reais – Modas e Modos no Rio de Dom João VI” revela a moda como uma importante manifestação cultural e social do Rio de Janeiro, quando a cidade era capital do império português. Os trajes e acessórios são expostos no cenário privilegiado da Casa França-Brasil – primeira alfândega do Rio, projetada por Grandjean de Montigny, integrante da Missão Artística Francesa acolhida por D. João VI, que promoveu profundas transformações culturais, políticas e econômicas na cidade e no país. “Mulheres Reais – Modas e Modos no Rio de Dom João VI” é uma ação cultural relevante inserida nas comemorações dos 200 anos da chegada da Corte portuguesa, promovidas pela Prefeitura do Rio.

A licença poética é o recurso empregado na reconstrução das modas e dos modos das mulheres na abertura da exposição

– Mar de Mundos –, e em cada um dos três grandes e originais módulos que a compõem – Mulheres da Realeza, Mulheres da Realidade e O Passado no Presente. O mar é o elemento comum que acolhe imagens dos mundos que ficaram para trás, do novo mundo colonial e da abertura dos portos. As relações femininas com o poder são desveladas em três mulheres que governam, D. Maria I, Carlota Joaquina e D. Leopoldina. Os figurinos inspirados nos retratos oficiais dessas rainhas constituem a narrativa da passagem do Antigo Regime para o Império, e proporcionam a percepção das mudanças políticas e econômicas na cultura e nas transformações da moda.



nossa exposição

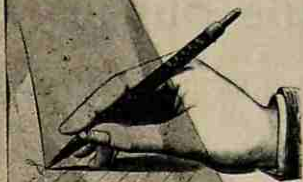
Esta exposição é única na sua composição. Ao lado de trajes e acessórios vindos de museus de Portugal, Espanha e Áustria, e de jóias do Museu Costa Pinto, de Salvador, ela apresenta figurinos recriados para mostrar como eram as roupas que não existem mais. Todas as peças testemunham os estilos de uma época: a da presença da Corte portuguesa no Brasil. Com elas buscamos identificar as modas de se vestir e os modos de agir daquele tempo para narrar a história das Mulheres Reais do Rio de D. João VI.

As mulheres reais são as mulheres da realeza portuguesa – as rainhas – e as mulheres da realidade brasileira – as brancas e escravas negras. O uso da palavra “real” nesses sentidos tem intenção dupla: mostrar como a vida das mulheres da realeza tinha uma realidade humana, e mostrar como a vida das mulheres da realidade tinha uma realeza própria. Veremos que a imagem de poder das rainhas não traduz a história pessoal de cada uma delas, e que entre as mulheres africanas havia muitas rainhas anônimas, cuja beleza original resistiu mesmo ao sofrimento da escravidão. Na sombra interior das casas, vamos encontrar ainda as senhoras brancas, rainhas de seus lares, que verão a pequena cidade colonial iluminar-se para se tornar capital do império português.

Mas a exposição não propõe apenas revisitar as modas e os modos do passado. Ela pretende redescobri-los no Brasil atual. Por isso reunimos fotografias de mulheres de hoje vestindo figurinos inspirados nas aquarelas de Debret, e selecionamos da coleção de estilistas contemporâneos os modelos que trazem as marcas das modas de ontem. E, para dar uma idéia de como eram as antigas celebrações da monarquia, vamos ver como elas se refletem no brilho da maior festa dos nossos dias: o desfile das escolas de samba.

Sem pretensão de apontar todas as relações existentes entre a cidade do tempo da Corte e a cidade onde vivemos agora, esperamos apenas sugerir algumas coincidências e comparações para pensar, com a liberdade da imaginação e da poesia, sobre essa sutil e ininterrupta transformação do presente em história.

As Curadoras



Saiba Mais

Curador ou curadora de exposição:

pessoa encarregada de selecionar as obras e as peças apresentadas e de organizá-las em um conjunto coerente, que expresse a unidade temática ou a intenção artística que se quer transmitir ao público.



Praça do Comércio do Rio de Janeiro, 1819.
Aquarela de Grandjean de Montigny.

por que as modas e os modos são nosso fio condutor

A história através das lentes das modas e dos modos



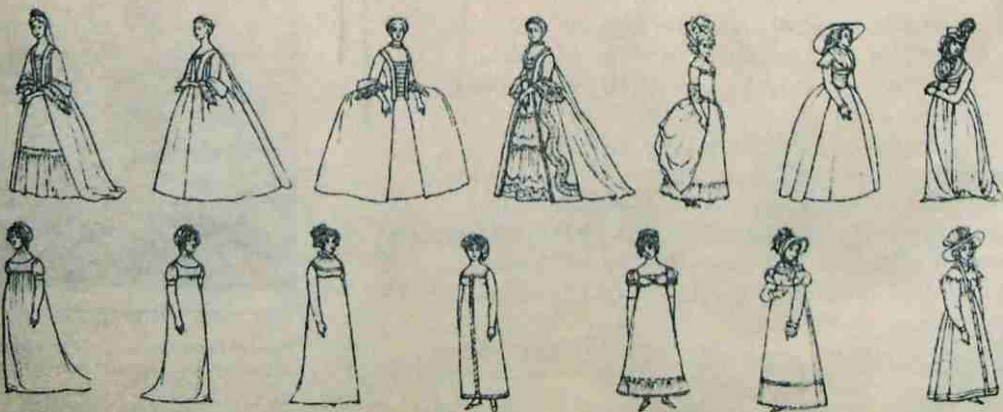
Contada a partir dos vestígios de um passado que tentamos reconstituir, a história ajuda-nos a entender a realidade presente. Nessa busca, todos os registros são preciosos: uma carta, uma ferramenta, um tecido e outras coisas simples podem, em conjunto, formar a imagem de uma época que não vivemos. Em vez de ler a história no contexto de um século ou uma nação, podemos enxergá-la através dos pequenos testemunhos que se conservaram de cada período. Reduzindo o campo de visão, podemos tentar ver por dentro dos fatos e descobrir como as pessoas comuns perceberam, na vida de todos os dias, as mudanças que marcaram seu tempo. Estudada assim, a história é chamada de micro-história.

Esse é o ponto de vista adotado na exposição Mulheres Reais. Vamos apresentar um acontecimento histórico – a vinda da Corte de D. João para o Rio de Janeiro em 1808 –, mas a partir de uma perspectiva diferente: a das mulheres. Em lugar da abordagem tradicional, que valoriza a política, a figura do rei e dos príncipes, a construção do nosso país, vamos estudar a cultura, o encontro das mulheres da realeza com as mulheres da realidade, e a construção de nossa identidade.

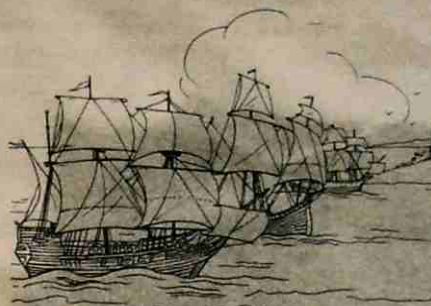
Onde situamos o significado desse encontro cultural? Nos pequenos traços de mudança no cotidiano dessas mulheres: nas suas roupas e nos seus costumes, nas modas e modos de seu tempo. Contare-

mos sua história através dos trajes que elas vestiam e da forma como se comportavam.

Esse relato será composto mais de impressões que de idéias, mais de sugestões que de razões. Em vez de nomes e datas, vamos falar do brilho das jóias e vestidos trazidos pelas mulheres da nobreza, das mantilhas escuras com que as mulheres brancas se cobriam para ir à missa, das roupas coloridas e da energia das mulheres negras trabalhando ao sol. Se não podemos saber o que sentiam as mulheres do Rio de Janeiro de 1808, talvez possamos imaginar como era o seu mundo, e, assim, ter por alguns momentos a sensação de que estamos vivendo na época e na cidade que elas conheceram.



Chegada da Corte de Dom João VI ao Rio



antecedentes

No fim de 1807, as pressões de Napoleão Bonaparte para que Portugal fechasse os portos ao comércio britânico punham o príncipe regente D. João diante de um dilema: romper relações com os ingleses arruinaria a economia do reino, mas evitaria a invasão francesa; por outro lado, se aceitasse o bloqueio imposto por Napoleão, Portugal sofreria uma dura retaliação militar por parte da Inglaterra.

Entre a rendição a Bonaparte e a retirada sob proteção inglesa, o príncipe fez esta escolha: nomeou um governo para reger Portugal na sua ausência e, escoltado por navios britânicos, partiu com a família real, em 29 de novembro de 1807, rumo ao Rio de Janeiro.

Com ele, cerca de 15 mil pessoas deixaram Portugal. Após 54 dias de viagem, a frota principal, desviada por uma tempestade, chegou a Salvador, na Bahia, onde D. João, cumprindo seu acordo com os ingleses, decretou a abertura dos portos às nações amigas. Um mês depois, a esquadra seguiu para a capital da colônia.

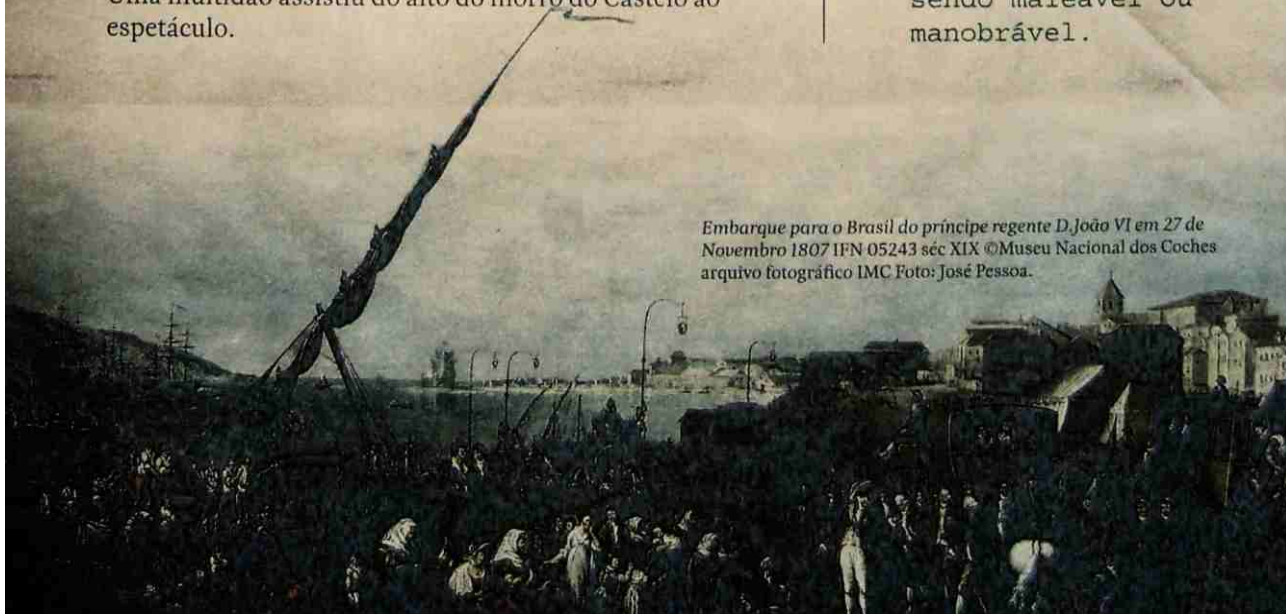
A recepção da comitiva foi preparada às pressas. O palácio foi mobiliado com todo o luxo possível, e as melhores casas foram desocupadas para acomodar a Corte que acompanhava o príncipe. O desembarque no Rio de Janeiro ocorreu em 8 de março de 1808, e foi saudado por fogos de artifício, sinos e tiros de canhão disparados das fortalezas e embarcações. Uma multidão assistiu do alto do morro do Castelo ao espetáculo.

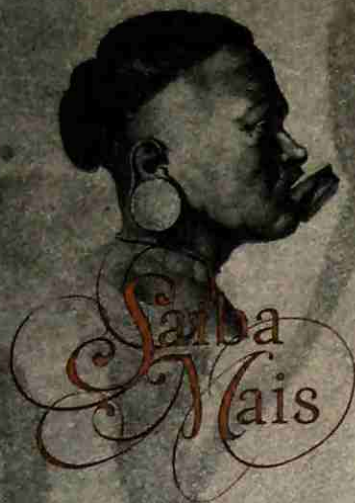
Saiba
Mais

Você sabia o que era ser ou estar maneiro no tempo das navegações portuguesas?

“Maneiro” já virou gíria de carioca para qualificar algo como bom, bonito ou competente. Mas em Portugal, desde o início das navegações transoceânicas, o adjetivo era utilizado pelos navegadores para qualificar uma embarcação como sendo maleável ou manobrável.

Embarque para o Brasil do príncipe regente D. João VI em 27 de Novembro 1807 IFN 05243 séc XIX ©Museu Nacional dos Coches arquivo fotográfico IMC Foto: José Pessoa.





Você sabia qual é a origem da palavra "carioca"?

A palavra "carioca" é de origem indígena e significa "casa de branco". Estas "casas de branco", às vezes construídas de pedra, eram usadas pelos portugueses como proteção contra o ataque de índios armados com flechas de fogo.



Carregadores de água.
Gravura de Johann Moritz Rugendas, início do séc. XIX.

o rio de janeiro encontrado pela corte

O Rio era então um modesto lugarejo junto ao porto, cercado de morros e matas. As cartas dos viajantes falavam do calor excessivo e dos horrores da escravidão, e, de fato, a multidão de escravos negros era uma presença tão marcante que os estrangeiros tinham impressão de estar não no Brasil, mas na África. Com a presença da Corte de D. João, a cidade colonial passaria a ser sede do império português, e o encontro desses dois mundos, antes separados pelo oceano, faria nascer aqui novos modos e novas modas.

Os refrescos à tarde no Largo do Paço.
Gravura de Jean-Baptiste Debret, 1835.



Mulheres da Realeza

Neste módulo reunimos as mulheres da realeza e, através de suas modas e modos, contamos um pouco da história da época de cada uma delas.

Do nascimento de D. Maria I, em 1734, até a morte de D. Leopoldina em 1826 e a de D. Carlota Joaquina em 1830, passaram-se quase cem anos de história. Essas três mulheres tiveram em comum a experiência do poder e as funções da realeza. Mas cada uma delas sentiu a seu modo o significado dessa condição. Para D. Maria I, o poder era uma provação; para D. Carlota, um privilégio; para D. Leopoldina, um sacrifício.

Outras diferenças explicam-se pelo espírito da época que cada uma viveu. Nascida no final do período barroco, D. Maria I encarnou o conflito entre os poderes divino e humano, característico desse momento histórico. D. Carlota, nascida no seio do absolutismo espanhol, conheceu o início da modernidade europeia, marcada pelo neoclassicismo, e lutou sempre, com seu caráter forte e decidido, por suas ambições políticas e suas paixões amorosas. Um romantismo mais sereno e sentimental será o traço principal da personalidade de D. Leopoldina: filha do imperador da Áustria, ela deixará sua família para se tornar princesa e imperatriz do Brasil, mas nas suas cartas registrará todos os sofrimentos que essa separação e esse dever lhe impuseram.

Não é fácil ver as mulheres da realeza como mulheres reais. Suas imagens já foram tão distorcidas pelas caricaturas da história e da tradição que é quase impossível enxergá-las como figuras humanas. Longe da terra onde nasceram, essas três mulheres sofreram ainda este estranho destino, que lhes deu ao mesmo tempo a majestade e a solidão.



D. Maria

Filha de D. José I de Portugal e de D. Mariana Vitória da Espanha, neta de Felipe V da Espanha e de D. João V de Portugal.

- 1734 Nascimento (Portugal)
- 1760 Casamento (com D. Pedro III, seu tio)
- 1767 Nascimento de seu filho D. João (futuro D. João VI)
- 1777 Torna-se rainha de Portugal
- 1790 Primeiros sinais de loucura
- 1792 Considerada incapaz (D. João assume o trono como Príncipe Regente)
- 1808 Chegada ao Brasil
- 1816 Morte (Brasil – seu filho é aclamado rei D. João VI)



D. Carlota Joaquina

Filha de Carlos IV da Espanha e de Maria Luísa de Parma.

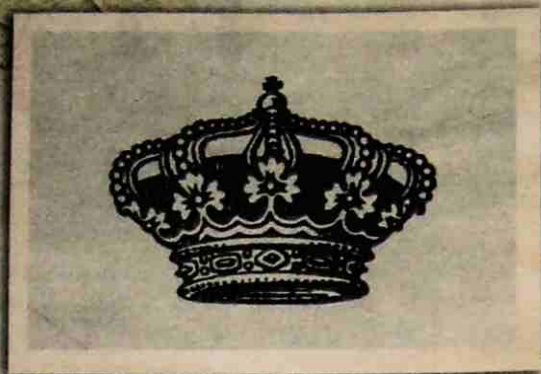
- 1775 Nascimento
- 1785 Casamento (com o príncipe D. João – futuro D. João VI)
- 1798 Torna-se Princesa Regente de Portugal
- 1808 Chegada ao Brasil
- 1821 Volta a Portugal
- 1830 Morte (Portugal)



D. Leopoldina

Filha de Francisco I da Áustria (Francisco I do Sacro Império Romano-Germânico) e de Maria Teresa da Sicília; irmã de Maria Luísa, segunda esposa de Napoleão Bonaparte; sobrinha-neta de Maria Antonieta, esposa de Luís XVI.

- 1797 Nascimento
- 1817 (maio) – Casamento por procuração, na Áustria, com D. Pedro (futuro D. Pedro I)
- 1817 (novembro) – Chegada ao Brasil
- 1819 Nascimento de sua filha D. Maria da Glória (futura D. Maria II, rainha de Portugal)
- 1822 Torna-se Imperatriz do Brasil
- 1825 Nascimento do Príncipe D. Pedro (futuro D. Pedro II)
- 1826 Morte (Brasil)



Absofutismo: Sistema político em que os monarcas exerciam, pela força ou pela lei, poderes absolutos, sem limitações ou restrições.



Barroco: Estilo artístico surgido entre 1600 e 1760, caracterizado pelo predomínio da linha curva e pela grande quantidade de detalhes decorativos, criados para despertar a emoção e a sensibilidade.



Afresco barroco. Jesuiten Kirche Viena © Foto TJunod.



Decoração neoclássica. Albertina Museum Viena © Foto TJunod.



Romantismo: Movimento do fim do século XVIII que valorizava a imaginação e a emoção em oposição à razão, e defendia a espontaneidade artística contra a formalidade das regras clássicas. Cultuava, em vez dos ideais da Antigüidade, as tradições nacionais.



Gravura do Imperador Francisco I e sua família em Laxenburg 1807 © Biblioteca Nacional da Austria.

o teatro da realeza

O teatro da realeza tinha como palco a Corte. Nele as rainhas representavam o papel de mulheres reais. Elas se vestiam com luxo e riqueza para mostrar a medida de seu poder e impressionar os seus súditos.

D. Maria pertencia à casa de Bragança, D. Carlota era filha dos Bourbons, e D. Leopoldina descendia dos Habsburgos. Mas, apesar de terem sido criadas em famílias e culturas distintas, todas elas eram princesas, e, por isso, seus trajes refletiam os valores da monarquia. Como o poder real era considerado um direito divino, as mulheres da realeza deveriam apresentar-se como verdadeiras deusas, colocadas acima das pessoas comuns. Mesmo assim, sua maneira de vestir foi às vezes modificada para se ajustar às transformações de seu tempo.

Na época do Absolutismo, a riqueza dos vestidos marcava a distância que separava a Corte do restante da sociedade. As rendas, as sedas, os bordados e as jóias eram símbolos de poder tão importantes quanto os palácios e os castelos.

Contudo, na segunda metade do séc. XVIII, a antiga ordem absolutista começou a perder força. A Revolução Industrial inglesa e a Revolução Francesa transformaram a economia e a política. E também a moda. Os novos tempos, mais democráticos, não eram propícios para exibições de luxo e riqueza.

Por essa razão, o traje das damas da Corte tornou-se mais simples e discreto, sem o exagero dos enfeites e jóias. Os vestidos majestosos eram usados apenas em cerimônias oficiais. Para que elas continuassem em cena no Teatro da Realeza, os figurinos das rainhas tiveram de se adaptar às mudanças da história.



Você sabia que anquinhas que cresciam para as laterais eram chamadas de *paniers* devido à sua semelhança com cestos de pão?

Os *paniers* ocupavam o espaço de três ou quatro pessoas, o que obrigava as mulheres a se desviarem o tempo todo das coisas.



Você sabia que até a Revolução Francesa vigoravam na Europa leis suntuárias que proibiam o uso de determinadas roupas e cores, reservadas exclusivamente à nobreza, sob pena de pagamento de multas?

Modas de Rainha ¶

D. Maria I, uma mulher do Antigo Regime

Primeira mulher a se tornar rainha em Portugal, D. Maria representou de modo exemplar seu papel no Teatro da Realeza. Seu figurino oficial seguia a moda francesa, a mais influente do Antigo Regime na Europa. Muitos de seus vestidos eram criados por Rose Bertin, a modista preferida da rainha da França, Maria Antonieta. Seus casacos de pele eram confeccionados pelos peleteiros de Catarina ¶, da Rússia.

Uma rainha deveria vestir-se com luxo e esplendor para assinalar seu poder e sua posição. Certas roupas e enfeites eram exclusivos de uma soberana. Essa distinção indicava que a realeza era atributo de uma única mulher. Por isso, os trajes cerimoniais com que D. Maria aparece nos retratos exibiam os símbolos de sua majestade. O fato de a rainha ter-se mantido fiel à moda monárquica, mesmo após a Revolução Francesa, servia para mostrar que Portugal ainda conservava a velha ordem.

A queda do absolutismo na França não fez D. Maria abandonar as antigas tradições, mas a encontrou com o espírito já muito abalado pela perda recente de seu filho mais velho, herdeiro do trono, e de sua filha. A morte de ambos já a havia feito vestir-se com a cor do luto um ano antes; agora, o terror de ver seu mundo destruído pelos ventos da Revolução fazia-a penetrar nas sombras da loucura.



Infanta D. Maria Francisca Isabel Josefa de Francisco Vieira Lusitano, c.1753
© Palácio Nacional de Queluz - IGESPAR DIDA AF
Foto: Paulo Cintra / Laura Castro Caldas.



Saiba Mais

Você sabia que ser maria-vai-com-as-outras podia significar andar na companhia da realeza?

Conta-se que a doença mental de D. Maria I obrigava-a a viver quase sempre reclusa, só saindo acompanhada das damas de seu serviço. Por isso, sempre que a via cercada de acompanhantes, a gente da cidade falava "Lá vai a Maria com as outras".



Você sabia que houve uma crise de pneumonia em 1803, porque as mulheres insistiam em usar trajes de tecidos finos durante o rigoroso inverno europeu?

Modas de Rainha II

Dona Carlota Joaquina, uma mulher entre dois tempos

D. Carlota pertencia à família espanhola dos Bourbons. Aos 10 anos, deixou o Palácio de Aranjuez, em Madri, para se casar com D. João, em Portugal. Herdeira do absolutismo, sua vida foi atravessada pelos desdobramentos da Revolução Francesa: a ameaça de invasão do exército francês em Portugal obrigou-a a acompanhar o esposo, então príncipe regente, na fuga da Corte para o Brasil; aqui, meses depois, ela recebeu a notícia de que Napoleão havia tomado a Espanha e feito prisioneiros seus pais e irmãos.

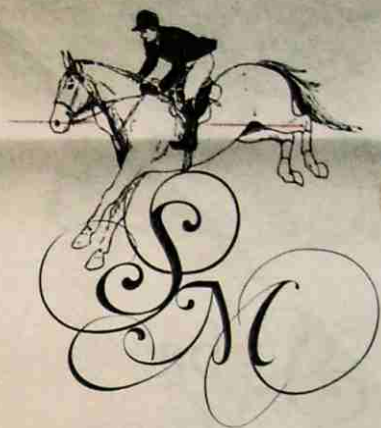
Com a ascensão da burguesia ao poder, novos modelos estéticos se estabeleceram em toda a Europa. A moda mudava com a história. A chuva de plumas e bordados que cobria os trajes monárquicos do Antigo Regime parecia chegar ao fim, e a discrição e a naturalidade vinham afirmar-se como novo padrão do luxo. D. Carlota nunca desanimou de defender os valores da realeza, mas, com

o desaparecimento do estilo que era expressão de suas idéias políticas, se esforçou por seguir os gostos trazidos pelo novo regime.

Vestindo-se segundo a moda burguesa e pensando segundo a mentalidade monárquica, D. Carlota foi acusada muitas vezes de ser extravagante nos seus trajes e nas suas atitudes. Sua ambição, traço do velho absolutismo, a levou a defender causas bastante modernas, como a liberdade feminina. Seu caráter passional, herança do sangue espanhol, a fez entregar-se com a mesma intensidade à luta política e ao amor.



Infanta Carlota Joaquina
de Mariano Salvador Maella, 1785
© Museu Nacional do Prado.



Você sabia que a equitação foi o primeiro esporte adotado pelas mulheres da aristocracia, fazendo parte da "boa educação"?



Você sabia que a calça comprida usada pelas damas (anteriormente apenas para a equitação) surgiu em 1810?



Modas de Rainha III

Dona Leopoldina, uma mulher do seu tempo



Saiba Mais

Você sabia que o artista da Missão Artística Francesa, Jean-Baptiste Debret (1768-1848) era também cenógrafo e figurinista e criou trajés de D. Carlota Joaquina, de suas filhas, de D. Leopoldina e de damas da Corte?



Você sabia que o cloro foi descoberto em 1774, sendo usado para alvejamento de roupas e que isso influenciou a moda dos vestidos brancos?

Arquiduquesa da Áustria, princesa e imperatriz do Brasil, D. Leopoldina nasceu no alvorecer do liberalismo, que inaugurou uma época nova na história da Europa. As mudanças políticas exigiam das monarquias a construção de uma representação nova. Era preciso pensar um figurino diferente para o novo cenário do Teatro da Realeza.

A simplicidade passa a ter importante papel num momento em que os excessos de luxo eram condenados. Em vez de exibir toda a sua riqueza material, a monarquia buscará agora nos valores do passado uma imagem idealizada e heroica de sua grandeza. A moda reflete esse processo, in-



Leopoldina, Arquiduquesa da Áustria de Natale Schiavoni, c.1817
© Biblioteca Nacional da Austria.

corporando elementos inspirados na Antiguidade clássica e nos trajés da Idade Média e da Renascença. A silhueta reduzida e o ornamento mais suave das golas e mangas dos vestidos começam a definir o estilo que será conhecido como romântico.

D. Leopoldina encarnou esse estilo nas suas modas e nos seus modos. Vestia-se despojadamente, enfeitava-se com jóias discretas, usava sapatos baixos e arranjava os cabelos ao natural, sem toucados altos. Unindo, por temperamento, a nobreza do sangue à nobreza do coração, desempenhou o papel de heroína romântica no Teatro da Realeza.

Caixa de Memória

Estes trajes e acessórios originais vieram das terras e dos tempos de nossas rainhas. De uma época nada se pode reproduzir: contingências políticas, econômicas, sociais, mentalidades e culturas. Tampouco os trajes: deles não se pode reproduzir a matéria-prima, as técnicas e, o mais importante, o espírito que determinou seu desenho.

De inestimável valor sentimental e documental, estas peças das coleções do Museu Nacional do Traje (Lisboa), do Museo del Traje (Madri) e do Wien Museum/Mode Depot (Viena) são verdadeiros livros vivos que revelam, em delicada fatura, a riqueza e a simplicidade, a cerimônia e a intimidade. São elementos palpáveis de uma época que, graças às boas condições de preservação, sobreviveram à devastação do tempo. Trazendo até nós formas, tecidos, aviamentos, ornamentos e acabamentos, eles constituem provas silenciosas e eloquentes das modas do passado.



Leque, c. 1800. Museu Nacional do Traje e da Moda de Lisboa



Chapéu feminino, c. 1805
© Modensammlung, Museu de Viena. Foto: T. Junod



Você sabia que a tinta vermelha provinha do excremento da fêmea de um molusco que cresce no mar Mediterrâneo?

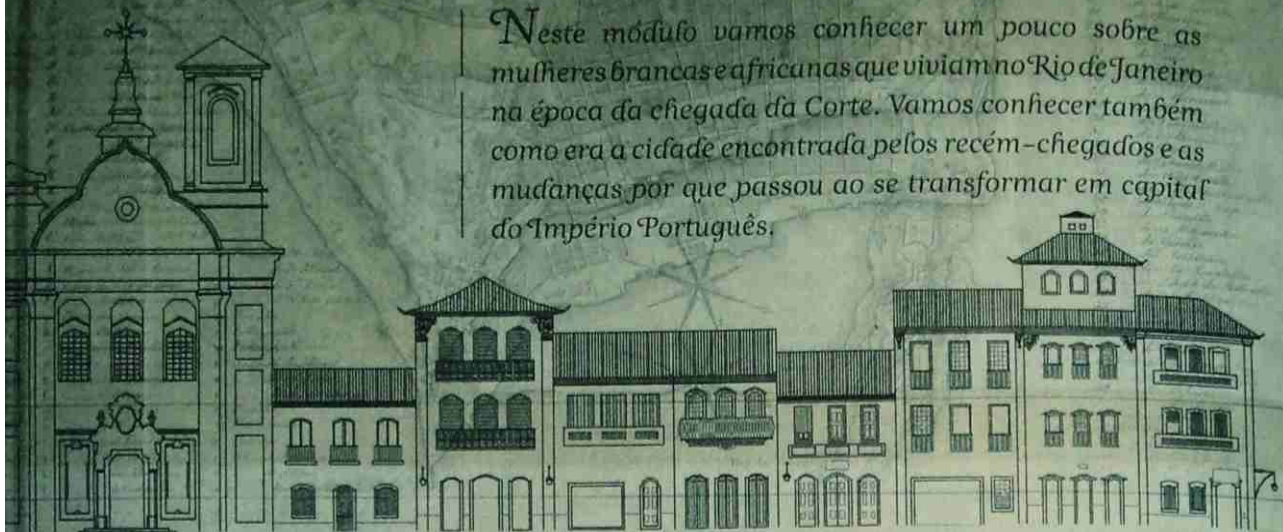


Casaca e saia (Pirro e Basquiña), 1780-1795
© Museo del Traje, Madrid.
Foto: Enrique de Murga.

Mulheres da Realidade



Neste módulo vamos conhecer um pouco sobre as mulheres brancas e africanas que viviam no Rio de Janeiro na época da chegada da Corte. Vamos conhecer também como era a cidade encontrada pelos recém-chegados e as mudanças por que passou ao se transformar em capital do Império Português.



Desenho de Lídia Kosovsky

modos velados

De Povoado à Capital do Império Português

“Acham a cidade horrível, o casario acaçapado, reles, pobre, sujo. As moradias de rótula, com suas grades espessas, lembrando casas mouriscas por onde os moradores espiam, desagradam.” Luis Edmundo — A Corte de D. João no Rio de Janeiro

Uma cidade pequena, atravessada por ruas estreitas, abafadas, sujas e sem iluminação. O casario feio desagradava os visitantes estrangeiros. Além das igrejas, conventos e fortes, não havia outros grandes edifícios. Assim era o Rio de Janeiro de 1808: um povoado com quase 50 mil habitantes, dos quais cerca de 2/3 eram escravos.

A chegada da Corte aumentou em 10 mil pessoas essa população. Esse crescimento tornava necessária uma reformulação da velha cidade colonial, mas não se tratava apenas de estender os limites da cidade ou construir novas casas. A presença da família real exigia uma transformação urbana completa, pois o Rio de Janeiro, a partir de então, seria a capital do império português.



“Vista da rua principal do Rio de Janeiro”
N° de Inventário 283, Lápis, aquarelado 204 x 277mm
de Livro “Viagem ao Brasil” de Robert Wagner e Julio Bandeira.

A rua Direita, a antiga rua principal da cidade do Rio de Janeiro, hoje Rua Primeiro de Março, ligava o Morro de São Bento ao Morro do Castelo. Em primeiro plano está a entrada da Igreja da Santa Cruz dos Militares, construída entre 1780-1811, na esquina com a rua do Ouvidor. A igreja é o templo da irmandade militar. A vista vai em direção ao passadiço de alvenaria entre o Paço e o Convento do Carmo com o Morro do Castelo, a igreja e o convento dos jesuítas ao fundo.

“As rótulas e gelosias não eram cadeias confessas, positivas; mas eram pelo aspecto e pelo seu destino grandes gaiolas onde os pais e maridos zelavam sonegadas à sociedade as filhas e as esposas.”

Joaquim Manuel de Macedo — Memórias da Rua do Ouvidor



A Casa

Ao chegar ao Rio de Janeiro, a Corte encontrou um cenário urbano marcado pela influência dos costumes orientais. A própria arquitetura das casas coloniais trazia um traço característico dessa influência: o muxarabi. Esse era o nome árabe dado a uma estrutura plana de madeira, de moldura retangular, que revestia a fachada das casas. Como uma espécie de janela, o muxarabi era formado por uma grade de ripas entrecruzadas, chamada rótula ou gelosia, por onde a luz entrava. Quem estava do lado de fora não conseguia ver o lado dentro da casa, mas quem estava em seu interior podia espiar pelas frestas do muxarabi o que se passava nas ruas.

O muxarabi protegia a privacidade das mulheres da casa. Longe do olhar da rua, elas podiam vestir-se com simplicidade. Para suportar o calor, usavam um camisolão fresco e largo. Entre senhoras e muçulmas havia certa intimidade: elas bordavam juntas e catavam piolhos umas das outras. Os modos orientais estavam presentes também no mobiliário e nos gestos: em casa, as mulheres costumavam passar o dia sentadas em esteiras de palha, à maneira árabe, isto é, de pernas cruzadas, no chão.



Uma senhora brasileira em seu lar — Litografia de Charles Motte, 1835.

“A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia.”

Manuel Antonio de Almeida — Memórias de um sargento de milícias

A Rua — Vultos Encobertos



Biocas — Desenhos de Otacilio Coutinho.

Antes da chegada da Corte, as filhas e esposas dos senhores brancos viviam a maior parte do tempo dentro de casa. Elas não tinham permissão de sair à rua sozinhas, e, quando saíam, era quase sempre para ir à missa. Nessa ocasião, cobriam-se dos pés à cabeça com uma mantilha pesada e escura. Assim como os muxarabis nas casas, o uso dessa mantilha nas ruas protegia-as do olhar alheio e lhes permitia ver sem serem vistas. Como sombras silenciosas, elas cruzavam os espaços da cidade, onde, por toda parte, as escravas negras trabalhavam ao sol.

Roma

modos desvelados

A Rua - Negras Semidesnudas

Escondidas nas casas escuras atrás das treliças do muxarabi, ou cobertas por uma mantilha escura quando saiam à rua, as senhoras brancas viviam longe das luzes e do burburinho da cidade.

Saiba Mais



Você sabia que, com a abertura dos portos, esqui e lareira foram alguns dos primeiros produtos a chegarem ao Rio de Janeiro?

Com a Abertura dos Portos às Nações Amigas em 1808, chegaram ao Rio de Janeiro muitos produtos industrializados da Inglaterra. Dentre eles, muitos eram pouco compatíveis com as necessidades da população: esquis, equipamentos de lareira e casacos pesados atulharam os estoques, até serem mandados de volta para a Europa ou serem vendidos, a preços baixos, como peças exóticas.



Foto: Guilherme Nato.

As únicas mulheres vistas do lado de fora eram as escravas. Os diferentes trabalhos que realizavam refletiam-se no seu modo de vestir: lavadeiras, vendedoras, carregadoras distinguiram-se umas das outras pela sua "moda" própria.

As escravas vestiam trajes simples de algodão, tingidos de azul, o corante mais barato da época. Como recebiam roupas usadas, nem sempre no

tamanho de seu corpo, tinham de amarrar as pontas, arregaçar as blusas ou subir a barra das saias para ter a liberdade de movimento que o trabalho exigia.

Com o rosto, os ombros, os braços e as pernas à vista, elas mostravam que, como na África, a roupa servia apenas para enfeitar ou proteger, e não para esconder. A originalidade do modo de vestir das escravas sobreviveu ao cativeiro porque a preservação de sua cultura foi muitas vezes a única forma de resistência possível. Afirmando com seu próprio corpo essa herança africana, a mulher negra tornou-se símbolo de uma beleza genuinamente brasileira.



Desenho de Otacilio Coutinho.



modos reveladores

Da Sombra para a Luz: Transformações da Cidade



“O príncipe regente (...) mandou logo nos primeiros meses de sua residência no Rio de Janeiro substituir por janelas de vidraça essa última recordação dos muxarabis árabes. A ordem era singelíssima (...), mas pode-se dizer que por meio desta completou D. João uma revolução nos costumes nacionais.”

Oliveira Lima - D. João VI no Rio de Janeiro.

A vinda da Corte e a Abertura dos Portos determinam grandes transformações na capital da colônia. Até então, o Rio de Janeiro era descrito como uma cidade árabe na arquitetura e nos costumes. Seus maiores símbolos eram o muxarabi e a mantilha.

O muxarabi, tela de treliça mourisca que vedava a fachada das casas, foi proibido por um decreto do próprio D. João. A lei, que obrigava substituir o gradeado de madeira por janelas de vidro, trouxe claridade à escuridão dos lares.

A cidade viveu então o que o sociólogo Gilberto Freyre chamou de desassombramento: tudo que estava na sombra deveria vir à luz. A chegada da Corte fez entrar novos ares na

rotina dos habitantes. Eles passaram a frequentar a rua e as festas. As mulheres, que antes raramente saíam, começaram a ter vida social. E a influência da moda trazida pelas damas da nobreza logo fez com que a mantilha deixasse de ser usada.

A presença dos fidalgos e negociantes europeus despertou o gosto pela elegância e trouxe hábitos novos, como usar talheres e sentar-se à mesa para a refeição. As exigências do luxo e das boas maneiras eram satisfeitas por produtos importados da Inglaterra e da França, vendidos na antiga Rua Direita, hoje Rua 1º de Março. De lá saíram as modas e modos que fizeram o Rio de Janeiro transformar-se em uma cidade de estilo europeu.



Foto: Guilherme Kato.

Branças Emergentes

“O gosto pelas modas européias estava ligado à vontade de diferenciar-se e de guardar o selo europeu, da civilização, era a marca de um complexo de inferioridade inconfesso e inconfessável em relação ao europeu.” Silvia Hunold Lara

De dentro de suas mantilhas escuras, as mulheres brancas começam a perceber a transformação da velha capital. A missa deixava de ser o único espaço de convivência social. No alvoreço festivo das ruas, as modas e os modos que chegam com a Corte atraem sua atenção. E, com a abertura dos portos ao comércio estrangeiro, as lojas do centro expõem novos artigos de luxo importados da Inglaterra e da França.

Casimiras, musselinas, rendas, plumas, chapéus e outros acessórios passam a fazer parte do guarda-roupa das senhoras da terra, que agora copiam o modo de vestir das damas da nobreza e das européias “civilizadas”. A mantilha, antigo uniforme oficial, aos poucos sai de moda. Mas o entusiasmo pelas novidades e o desejo de ostentar riqueza acabam gerando combinações extravagantes. E os estrangeiros, com certa ironia, não demoram a notar que, entre as mulheres da cidade, o excesso se tornara um padrão de elegância.



Bonecas de Regina Gilson. Fotos de Isabela Bertazzi.

Saiba Mais



Você sabia que escravos não podiam usar sapatos?

Calçar sapatos era um distintivo de classe na sociedade brasileira colonial: as brancas e as negras libertas podiam usá-los; as escravas, não. Mas as mucamas, que trabalhavam nas casas de pessoas mais ricas, andavam tão bem arrumadas quanto as suas senhoras, e ostentavam roupas, jóias em ouro e sapatos com ou sem fivelas.



Negras Boneca

“Ornato dos servos é o crédito dos senhores.” Silvia Hunold Lara – Mulheres escravas, identidades africanas.

A aparência das escravas domésticas refletia a posição social da casa a que elas pertenciam. O traje dessas escravas era uma verdadeira vitrine da riqueza das senhoras que elas serviam. Enquanto quase todas as mulheres negras andavam descalças, as mucamas de casa podiam sair às ruas de sapato. Essa exceção reforçava não só o caráter doméstico de sua função, mas também o grau de distinção da família de seu senhor.

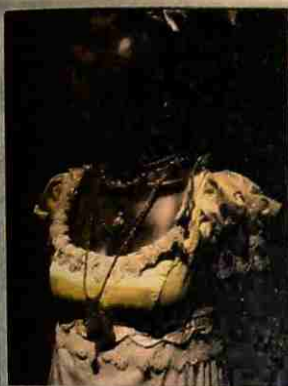


Foto: Guilherme Kato.

As mulheres brancas da elite, por sua vez, procuravam copiar as modas européias para se parecerem com as estrangeiras ricas e, ao mesmo tempo, se diferenciarem das escravas. Mas, por contradição, vestiam suas mucamas com o mesmo luxo, para

fazer delas o espelho de seu status. As jovens escravas eram, então, enfeitadas como simples bonecas, segundo o capricho de suas senhoras. Esse disfarce, porém, não apagava a força dos traços africanos. A tez escura, os cabelos, os dentes limados, o rosto e o corpo escurificados mostravam que as mulheres negras guardavam, debaixo do luxo artificial, uma riqueza muito mais preciosa: os sinais vivos de sua origem e sua cultura.



Você sabia o que quer dizer a expressão “segurar o rojão”?

O rojão é uma tira de tecido usada no baixo ventre para compor roupa de trabalho das africanas e, assim, sustentar o corpo nas atividades que exigem força. Daí o dito popular “segurar o rojão”.

Você sabia de que costa vem o pano-da-costa?

O pano-da-costa é uma peça fundamental da indumentária da mulher negra desde antes da chegada da família real. Contudo, este tecido não é pano-da-costa porque fica nas costas das negras, e sim por ser procedente de um lugar específico da costa africana, chamado Costa da Mina, no Golfo da Guiné. Assim como este tecido, havia vários outros produtos oriundos desta costa, como a pimenta, a palha e o sabão.



Negras Multiculturais

“...tomavam livremente emprestadas tradições européias, brasileiras e africanas, criando uma moda elegante que se sustenta com a passagem do tempo.”

Mary Karasch – A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808–1850).



Foto: Guilherme Kato.

A chegada da Corte fez crescer a população e o comércio da antiga capital. No movimento das ruas, uma personagem marcava presença: a escrava de ganho. Essa escrava saía pela cidade equilibrando um cesto na cabeça, vendendo pão-de-ló, angu, doces e outros produtos que ela fazia, para ganhar a quantia que era obrigada todo dia a pagar ao seu senhor.

alegre. Às vezes, para carregar peso, amarravam uma faixa na cintura e apoiavam a carga sobre os quadris, deixando os braços livres. Seus trajes, adaptados às exigências do trabalho, tinham uma beleza original, porque combinavam, com improviso criativo, panos de origens e texturas variadas.

Como as escravas não podiam ter bens próprios, as jóias de ouro



Foto: Lucas Bori.



Desenhos de Otacílio Coutinho.

Como a escrava era considerada uma “propriedade” do senhor, ela precisava pagar um aluguel por si mesma para ter direito de trabalhar. Algumas conseguiam com isso comprar a alforria.

De turbante na cabeça, colorindo a paisagem, as escravas de ganho e alforriadas usavam saias de algodão cru, xales vindos da Europa, panos-da-costa trazidos da África e tecidos de estampado



Desenhos de Otacílio Coutinho.

e prata que elas usavam no corpo representavam ao mesmo tempo seus enfeites e suas economias. Cada um dos amuletos que penduravam na cintura tinha um significado simbólico: as figas afastavam o azar, as moedas atraíam dinheiro, os dentes protegiam contra os inimigos, e as miniaturas dos produtos vendidos serviam para trazer prosperidade.





Correntão de crioula com pomba e roseta, em ouro e pedra vermelha. Bahia, séc. XIX. Foto: Haroldo Abrantes, Museu Carlos Costa Pinto.

Negras Jóias

“As jóias transbordavam nos colos e pescoços, punhos e braços; nas cinturas, postas por correntões e naves, estavam as pencas, tendo em média de 20 a 50 objetos.”
Raul Lody – Jóias de Axé: fios-de-contas e outros adornos do corpo, a joalheria afro-brasileira.

Para as escravas de ganho ou negras alforriadas, as jóias eram sinais de poder. Essas peças, trazidas do Museu Costa Pinto, de Salvador, mostram como as imagens e as técnicas usadas no fabrico desses enfeites misturam a antiga arte africana feita em pedras preciosas com a joalheria portuguesa tradicional.

Culturas ancestrais da África, como a fânti e a axânti, já conheciam, há milhares de anos, vários modos de trabalhar o ouro e a prata. Com a vinda dos escravos, esse saber espalhou-se em várias regiões do Brasil.

Combinados com as roupas das mulheres negras, os metais realçavam a beleza dos panos-da-costa, dos bordados e rendas. Como a maioria das escravas não lidava com dinheiro, as jóias que traziam no corpo formavam toda a sua riqueza. Algumas peças representavam santos e orixás da fé africana, e eram usadas especialmente nas cerimônias e festas religiosas.

Essas jóias eram mais do que amuletos de proteção: elas simbolizavam uma cultura que resistia à escravidão através da força e da beleza de sua arte.



Escultura de Mali.



Você conhece a origem da palavra “carimbo”?

A palavra “carimbo” tem origem no termo africano “rimbu”, que significa “marca”. No Brasil a palavra designava o processo pelo qual os senhores marcavam a ferro em brasa os seus escravos.



Você conhece a origem da palavra “quitanda”?

O termo “quitanda” deriva de “kitanda”, utilizado pelos povos de origem banto para designar a prática comercial de vender produtos em tabuleiros e bancas, como hoje se faz nas feiras livres espalhadas pelo Brasil.

ap u

Foto: Lucas Bort



ren
de
laa

nee
at

an pas
ne le sup
n u

O Passado no Presente

Do encontro de culturas ocorrido a partir da chegada da Corte de D. João VI ao Brasil, flagramos, no Rio de Janeiro de hoje, uma infinidade de gestos, gostos, modas e modos.



Foto: Lucas Bori.

re-debret

Aqui tentamos olhar com novos olhos a obra de Jean-Baptiste Debret, artista viajante que revelou personagens e

costumes das ruas do Rio de sua época. Também cenógrafo e figurinista, Debret registrou nas suas aquarelas o dia-a-dia do universo colonial, um mundo de cores e formas que, por não serem européias, eram chamadas de "exóticas" pelos europeus.



Foto: Lucas Bori.



Foto: Lucas Bori.

Em lugar de apenas rever a obra de Debret, nós a contemplamos com a lente do presente, vestindo mulheres do Rio de hoje com figurinos criados a partir de suas aquarelas. Nesta viagem experimental chamada Re-Debret, tecidos e colorações novas reencenam as imagens da história no palco do Rio de Janeiro contemporâneo.



desfile antropológico



Estilistas participantes

André Lima

Fause Hatén

Gloria Coelho

Isabela Capeto

Jefferson Kulig

2k2 | Claudia Kopke e
Lucinha Karabtchevsky

Lino Villaventura

Marcelo Sommer

Mareu Nitschke

Neon | Dudu Bertholini e
Rita Comparato

Ronaldo Fraga

Rosa Chá | Amir Slama

Samuel Cirnansck

Sta Ephigênia | Luciano Canale



Esta exposição busca decifrar, nas modas do Rio de Janeiro de 1808, a origem das modas que marcam hoje o jeito de se vestir das mulheres brasileiras. Para recriar essa história, pesquisamos imagens e documentos do passado. Para identificar no passado a origem das modas atuais, partimos das criações do presente.

Os trabalhos dos estilistas de moda aqui apresentados vêm mostrar como um estilo contemporâneo pode enriquecer-se da herança desse passado, e, ao mesmo tempo, lançar sobre ele um olhar novo.

O visitante é convidado a desfilarem nesta passarela para pensar a moda como um processo ininterrupto de criação, e observar a si mesmo como um indivíduo participante das transformações culturais e sociais que fazem a própria moda mudar para acompanhar o tempo. Um desfile antropológico é mais do que um simples desfile de moda: é um desfile de modos de ser.



Foto: Guilherme Kato.

os triunfos monárquicos e as escolas de samba



Um festejo tradicional das monarquias europeias era celebrado em Portugal desde o século XVI: a entrada dos reis nas cidades. Diante do olhar espantado dos súditos, um desfile de carros decorados com riqueza e luxo marcava a passagem do monarca e sua comitiva.

No Rio, principalmente após a chegada da Corte, esse ritual grandioso passou a fazer parte de todas as comemorações importantes da cidade.

As descrições desses carros enfeitados, os chamados

“triumfos monárquicos”, nos fazem pensar nos carros alegóricos das nossas escolas de samba. E vice-versa. Essa semelhança permite imaginar que a cultura carioca se inspirou nos festejos da realeza europeia para criar a festa popular que é considerada o maior show da terra: o carnaval.



Fotografia publicada no livro *Alegorias – Esculturas de uma ópera popular*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008.

o o o



Fiestas em Sevilha de la Subida al trono de España de Fernando VI y Bárbara de Bragança. Domingo Martinez, séc. XVIII. Museu de Belas Artes de Sevilha.

exposição mulheres reais modas e modos no rio de dom joão vi



Realização: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro
Produção: Campo das Vertentes
Realizações em Arte e Cultura
Curadoria: Emilia Duncan e Cláudia Fares
Idéia original: Kika Gama Lobo
Coordenação geral: Cláudia Fares
Direção de arte e de figurinos: Emilia Duncan
Produção executiva: Lúcia Fares e Daniela Arantes
Figurino: Tatiana Rodrigues
Projeto museográfico: Lídia Kosovsky
Direção de arte do segmento "À mesa como convém": Ana Maria de Magalhães
Projeto multimídia: Marcello Dantas
Design de sinalização da exposição: Beatriz Serson
Coordenação de iconografia: Tatiana Junod
Cenotécnica: Attila Neves
Iluminação: Be Light
Design Gráfico: Guilli Seara Design
Web Design: Milagre

Colaboradores
Conteúdo: Bruno Astuto
Relações institucionais com a Áustria: Gloria Kaiser
Fotografias (Re-Debret): Lucas Bori
Stylist (Re-Debret e Desfile Antropológico): Antonio Frajado

Arte de panejamento: Gabrielle Schönburg-Bandeira
Consultores
Antropologia: Raul Lody
Arquitetura e urbanismo: Alfredo Brito e Roberto Anderson
História da Arte: Júlio Bandeira
História da Moda: João Braga
Museologia: Heloisa Duncan e Elizabeth Baez

Equipes

Curadoria

Assistente de curadoria: Beta Germano
Estagiária: Juliana Sobral

Pesquisa

Alexandre Arbex, Beta Germano, Carol Lobato, Conrado Vivacqua, Marina Rabelo, Teresa Graupner

Figurino

Chefe de ateliê: Otacilio Coutinho
Figurinista assistente: Julia Ayres
Assistente de figurino: Carol Lobato
Adereços: Clívia Cohen, Regina Gilson e Rossana Rodrigues
Arte têxtil: Ana Maria Moraes
Fotos Still: Isabela Bertazzi
Estagiária: Isabella Cardoso
Costureiras: Jarina Neves, Sueli Gehadt, Adélia Andrade, Maria Margarida, Elô Alexandrino, Chica Sias
Alfaiate: Cris Pinheiro e Macedo Leal.



Bordadeiros: Beth Lobato e Paulo Piovesan

Envelhecimento de tecidos: Ilma Ferreira

Peruqueira: Divina Lujan

Sapateiros: Mariangela Pimentel –

Artefatos de Couro

Confecção de jóias especiais

D. Maria I: Marco Apolônio

D. Carlota Joaquina e D. Leopoldina: FRM

Negras Multiculturais: Lucia Lima

Segmento – Modos Velados – A Casa

Coreografia: Dani Lima

Atrizes: Clair Brasil, Mayra Villela, Jennifer

Affonso, Roberta Valente

Segmento Re-Debret

Produção de figurino e montagem: Patrícia Monteiro

Caracterização: Uirandê Holanda

Elenco: Ana Leal, Andressa Silva, Carol

Amorim, Dara Marinho, Erica Damasceno,

Ilma Santos, Jessica Barbosa, Lidy Weber, Louz

Barboza, Marília Coelho, Moara Marinho,

Rosângela Sobrinho, Selma Miranda, Thais

Damaso, Vanessa Fonseca Museografia

Cenógrafo colaborador: Marcelo Lipiane

Assistentes de museografia: Patrícia Faedo,

Marina Piquet, Júlia Marina, Luciana Massena,

Noel Rabacov, Josué Vieira,

Sabrina Britts

Realização de maquete

Flávio Papi

Multimídia

Co-direção e coordenação:

Daniela Kallmann

Animação e composição digital:

Daniela Ferrari

Instalação: Iramá Gomes e José Neumann

Assistente de produção: Ana Gallo

Produção: Magnetoscópio

Design de sinalização da exposição

Renata Negrelly e Thais Mello

Design gráfico

Direção de Criação: Guili Seara

Designers: Anna Perim, Bruna Rodrigues,

Larissa Gontijo, Leandro Verassani,

Natália Dutra, Zumberto

Produção

Assistente de coordenação:

Anna Carolina Barros

Assistentes de produção: Luciana Hudson

e Lélia Borges

Montagem: Zé Alex Oliva

Projeto educativo

Coordenação: Ana Rondon

Supervisoras: Patrícia Norman e

Daniela Mattos

Educadores: Andréa Canto, Rita Porto,

Rosana Pinto, Daniel Alcântara de Sá,

Sabrina Rosas, Vivian Albuquerque de Souza

Edição da cartilha: Cláudia Fares e

Alexandre Arbex

agradecimentos pelas colaborações institucionais

brun

BRASIL

Educandário Romão de Mattos Duarte; Provedor Dahas Zarur; Museu Imperial de Petrópolis; Diretora Maria de Lourdes Parreira Horta; Museu Nacional de Belas Artes; Diretora Mônica Xexéo; Museu Paulista/USP; Diretora Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira; Pinacoteca do Estadual de São Paulo; Diretor Marcelo Araújo.

PORTUGAL

Museu dos Coches de Lisboa: Dra Silvana Bessani, Dra Maria Ana Bobone, Dra Margarida Gouveia, Dra Margarida Chorão de Carvalho; Mosteiro dos Jerônimos e Torre de Belém: Dra Isabel Cruz Almeida, Dra Helena Lopes, Dra Isabel Laje Duarte, Dra Mafalda Magalhães Barros; Palácio de Queluz: Dra Ana Maria Redondo Flores, Dra Conceição Coelho, Sr Herculano Rosário; Palácio Nacional da Ajuda: Dra Isabel Silveira Godinho, Sr João Vaz; Palácio de Mafra: Dra Maria Margarida Montenegro; Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico - IGESPAR: Dr Elísio Summavielle, Dra Dulce Freitas Ferraz; Instituto de Museus e Conservação - IMC: Dr Manuel Baírrão Oleiro, Dra Vitória Mesquita, Dra Tânia Olim.

ESPAÑA

Museu de Artes Decorativas: Dr Fernando Sáez Lara, Dra Ana Cabrera Lafuente; Palácio Real de Madri: Dr Jose Gabriel Moya Valgañón, Dr Jose Luis Valverde Merino, Dra Pilar Benito, Dra Inmaculada Candil García; Museu Nacional do Prado: Dra Marina Chinchilla, Dra Cecilia San Juan; Museu de Belas Artes de Sevilha: Dr Antonio Alvarez Rojas, Dra Rocío Izquierdo, Dr Ignacio Hermoso.

ÁUSTRIA

Museu do Móvel/Möbel Museum Wien: Dra Eva Ottilinger, Dra Ilsebill Barta, Mag. Andreas Gugler; Wien Museum; Mag. Michaela Lindinger, Sr Helmut Selzer; Igreja dos Jesuítas de Viena: P. Gustav Schörghofer SJ; Biblioteca Nacional da Áustria: Dra Eike Zimmer, Mag. Ulrike Polnitzky, Mag. Bettina Kann; Museu de História Natural de Viena, Museu Histórico de Artesa de Viena: Dra Gerlinde Gruber.

FRANÇA

Biblioteca do Museu de Artes Decorativas de Paris: Sra Josiane Sartre.



Realização

D. JOÃO VI
NO RIO
1808-2008

13101
PREFEITURA

Projeto beneficiado pela Lei 1940/92

CAMPO DAS
VERTENTES

Apoio Institucional



SECRETARIA
DE CULTURA

imc
INSTITUTO DE
MUSEUS E
CONSERVAÇÃO

T
MUSEO
DE TRAJE

Centro de
Investigação
del Patrimonio
Etnológico



WIEN MUSEUM



agradecimentos especiais

Às instituições e pessoas que contribuíram diretamente para a concretização deste projeto

BRASIL

Daniela Maia

Embaixador Alberto da Costa e Silva

Secretário Ricardo Macieira – Secretaria das

Culturas do Rio de Janeiro

Embaixador Marcos de Azambuja

Equipe da Fundação Casa França-Brasil: Sra

Marisa Labanca, Sra Marta Gerude, Sra Fátima

Santiago, Bruno C. Valentim da

Cunha e Tânia Maria Farias de Santana; Museu

Carlos Costa Pinto: Diretora Mercedes Rosa;

Museus Castro Maya: Diretora Vera Maria Abreu

de Alencar;

Equipe da Secretaria Municipal das Culturas:

às jornalistas Beatriz Becker e Caroline Ribeiro,

assim como a Lígia Lopes, Moisés Cardoso, Luiz

Moreira, Jorge Miguel, Maria Helena Costa Paiva,

Izeth Batista Serqueira, Vicente Santana Moura.

Estilistas participantes: André Lima, Fause

Haten, Glória Coelho, Isabela Capeto,

Jefferson Kulig, 2k2 (Claudia Kopke e Lucinha

Karabtchevsky), Lino Villaventura, Marcelo

Sommer, Mareu Nitschke, Néon (Dudu Bertholini

e Rita Comparato), Ronaldo Fraga, Rosa Chá

(Amir Slama), Samuel Cirnansck, Sta Ephigênia

(Luciano Canale).

Alberto Duncan, Diana Galvão, Laila Fares Neiva,

Mariana Rebouças, Myriam Lewin, Natércia

Rossi, Tarcísio Vidigal e Vera Lima.

Tadeu Burgos in memoriam

PORTUGAL

Embaixada do Brasil: Embaixador Celso Marcos

Vieira de Souza, Secretário Pedro Menezes, Sra

Joana Leitão; Museu Nacional do Traje e da Moda

de Lisboa: Dra Madalena Brás Teixeira, pelo apoio

e pela colaboração entusiasmada de sua equipe,

em especial Dra Elsa Ferraz, Dra Angela Valério

e Sra Manuela Antunes; Basílica da Estrela: Sr

Cônego Padre Miguel Ponces de Carvalho.

ESPANHA

Embaixada do Brasil: Ministro Fernando José

Marroni de Abreu e Sra Teresa Santos, pela

parceria e pelo apoio institucional; Museo

Nacional del Traje: Dr Andrés Carretero, Dra

Carmem Pérez de Andrés e, em especial, Sra

Maria Prego e Dra Amalia Descalzo, que nos

ajudaram a desvendar os universos de Dona

Carlota Joaquina e da Espanha dos Bourbon.

ÁUSTRIA

À Dra Glória Kaiser, biógrafa de Dona

Leopoldina, que nos abriu as portas das

instituições vienenses; Palácio de Schönbrunn:

Dra Elfriede Iby e Sr Michael Wohlfart, que nos

indicou o mapa sentimental de Dona Leopoldina;

Wien Museum / Mode Depot (Viena): Dra Regina

Karner, Dra Andrea Hanzal, Dra Margueritte

Ifsitz, Sra Katrin Sippel e Sra Christiane Rainer

Apoio Cultural



CASA VASCONCELLOS

Agradecimentos

Absolut Cerâmica Luiz Salvador Germer Porcelanas
Hotéis Othon Importadora Barrinhas Lúcia Lima
Pérolas de Majorca Real Companhia Velha Rio Scenarium
Scherer Antiques Secrets de Famille Snob Antiquidades

*J. Testy
Mio.
L. uider.*



A A A -

guiliscara.com.br



Realização

**D. JOÃO VI
NO RIO**

1808-2008



PREFEITURA

Projeto beneficiado pela Lei 1940/92